

## DOCÊNCIA EM SAÚDE: ENCONTRO DE NATIVOS E ESTRANGEIROS RUMO À INTERDISCIPLINARIDADE

*Sandra Marcia Lins de Albuquerque<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este artigo é uma adaptação da monografia que apresentamos à disciplina de Preparação Pedagógica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 2002, como crédito do mestrado no curso de pós-graduação em Ciências. Trata-se de reflexões sobre o papel da universidade e, especificamente, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a qual tem possibilitado o encontro de nativos (médicos) e estrangeiros (não médicos) na formação docente em Saúde, rumo à interdisciplinaridade. Interessou-nos ainda destacar o papel do assistente social na docência em Saúde, por ser este um “estrangeiro” recém-chegado ao curso de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Ciências, área de concentração Fisiopatologia Experimental da FMUSP, mais precisamente em 1999, quando nos matriculamos neste curso e fomos a primeira assistente social a nele ingressar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docência em Saúde, interdisciplinaridade, universidade, assistente social.

---

<sup>1</sup> Assistente Social, Doutora em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo-FMUSP; Diretora da Divisão de Serviço Social do Instituto Central do Hospital de Clínicas da FMUSP, 1978/2003

## INTRODUÇÃO

O que significa educar em meio às transformações que estamos vivendo neste início do século XXI?

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) que o IBGE divulgou em 2002 apresenta como um dos melhores índices sociais, e o mais importante deles, a universalização do ensino em nosso país. Em 1992, 14,1% da população com mais de 10 anos de idade tinha 11 anos ou mais de estudo formal. Em 2001, esse porcentual era de 21,7%. Os trabalhadores com mais de 11 anos de estudo passaram, no mesmo período, de 18,4% para 28,9%. O número de trabalhadores analfabetos caiu de 17,8% para 11,6%. Apenas 3,5% das crianças entre 7 e 14 anos estão fora das escolas, contra 13,4% em 1992 (O Estado de S.Paulo, sábado, 14 de setembro de 2002).

Observa-se por estes dados que as crianças já estão na escola. Agora precisam aprender. A próxima etapa será investir na qualidade de ensino no Brasil. Entre os educadores cresce a percepção de que os números de matriculados são uma visão exclusivamente quantitativa do ensino, deixando de lado a qualidade das aulas. Vive-se num modelo em que os alunos vão à escola, mas aprendem pouco (Veja – Edição Especial, maio 2002).

Quais são as medidas necessárias para tornar o ensino mais atraente? Como construir uma prática educativa de boa qualidade? Paulo Freire, um dos nossos maiores educadores, não considerava a educação simplesmente como meio de escolarização. Para ele alfabetizar é sinônimo de conscientizar, de engajar as pessoas na realidade do País.

A educação proposta por Freire é eminentemente problematizadora e fundamentalmente crítica, além de virtualmente libertadora. Ao se expor o educando – ou o expor-se com o educando –, o homem, situado no mundo como problema, está exigindo uma postura reflexiva, crítica, transformadora. E, acima de tudo, uma atitude que não se detém no verbalismo, senão que exige a ação (FREIRE, 1971).

Para que isso se concretize, é necessário que haja um preparo para a cidadania e qualificação profissional. De nada resolve garantir por lei a igualdade de condições do acesso e permanência na escola, sem que o poder público assegure a oferta de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. É necessário que estes direitos se concretizem, que as políticas públicas se subsidiem nos pressupostos legais, praticando-os, garantindo a aplicabilidade da lei, com a participação não só do poder público, mas de toda a sociedade.

Para Rios (2001), “a tarefa fundamental da educação, da escola, ao construir, reconstruir e socializar o conhecimento é formar cidadãos, portanto contribuir para que as pessoas possam atuar criativamente no contexto social de que fazem parte, exercer seus direitos e, nessa medida, ser, de verdade, pessoas felizes. Este é seu objetivo último”.

Observa-se que a grande tendência da escola é informar, em detrimento da formação da totalidade do ser humano. O mundo tecnológico exige informação constante, informações essas que se fazem importantes para o momento. Já no dia seguinte estão superadas, devido à vertiginosa aceleração dos processos de mudança.

Há que se planejar uma educação que privilegie o ser, o aprender a aprender, aprender a pensar, transformando o estudante no protagonista de sua própria aprendizagem.

O estudante deste novo milênio deve ser capaz de assimilar novos conhecimentos a partir  
Serviço Social & Saúde      Campinas      v. 5      n. 5      p. 1 – 218      Maio 2006

dos que já possui. Mais que isso, deve saber integrá-los, visando aos meios complementares de informação e apoio para realizar a própria aprendizagem, sem precisar recorrer sempre à ajuda externa de professores ou outras pessoas.

Ficam as perguntas: Que processo devemos desenvolver para que o aluno seja produtor de conhecimentos e um buscador de soluções? Como este aluno vai chegar à universidade? Qual o papel e a concepção da universidade? O que é a universidade?

Lembo (2000), no artigo “O Futuro da Universidade”, da Revista ADUSP, em número especial que trata de Universidade, Privatização e Sociedade, aponta que a pergunta sobre o que é a universidade ocorreu por toda parte, no Ocidente, nestes últimos mil anos, e que as inúmeras respostas se colocaram como sendo a universidade uma mera corporação, ora de professores e, vezes outras, de estudantes. Outros ainda indicaram as universidades como reunião em torno de um mesmo objetivo, de titulares, de conhecimentos diversos, na busca de transferir a outras pessoas o saber individual acumulado e formar figuras preparadas, particularmente para as atividades sacerdotais e de governo.

Diz-nos Lembo que ambos os conceitos são exatos. A universidade, até hoje, apresenta-se como uma corporação de ofício, onde discípulos e mestres procuram avançar patamares, no intangível desejo de atingir a plenitude do conhecimento.

O melhor conceito de universidade é obtido na análise da própria palavra, que caracteriza a diversidade na unidade. Sempre foi assim, desde o seu nascimento. Múltiplas áreas de conhecimento convivendo, a partir de um objetivo comum e universalizante. A universidade, desde seus primórdios, mostrou-se capaz de agasalhar amplo espectro de conhecimentos. Esta universidade, por unir muitos conhecimentos e pessoas, em espaço

limitado, sempre se mostrou sensível ao novo e jamais aceitou passivamente a verdade outorgada.

Em 1934, surgiram as duas primeiras universidades no Brasil: a Universidade de São Paulo e a Universidade do Paraná. Estas obtiveram êxito e avançaram até este início de século. Elas se constituíram em *locus* de captação de conhecimento e transferência das experiências acumuladas, sem deixarem de se apresentar como cenário de novas colocações políticas e sociais.

A universidade, concentradora de múltiplas visões do mundo, permite a seus integrantes, docentes ou discentes, oferecer novas concepções e novas atitudes perante a realidade existente, captando o mundo exterior e prestando efetivos serviços à comunidade. Cabe-lhe o papel de difusora dos princípios éticos e da busca de argumentos que permitam imaginar que há espaços superiores além dos meros limites deste pequeno planeta.

Como já foi referido, a Universidade de São Paulo surgiu em 1934, e a Faculdade de Medicina, inaugurada em 1912, integrou-se a ela pelo decreto nº. 6.283 de 25/1/1934, destinada ao ensino e à pesquisa para alunos dos cursos de Medicina, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Em junho de 1996, por intermédio da Congregação, a Pró-Reitoria aprovou o curso de Ciências, Programa de Fisiopatologia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, dedicado a médicos e não médicos, integrantes da equipe interdisciplinar. Tratou-se de um grande avanço, uma vez que esta iniciativa veio proporcionar uma nova integração de uma Faculdade de Medicina. Sua visão é ser pólo formador de lideranças científicas comprometidas com a geração, difusão e aplicação éticas do conhecimento científico para a promoção da saúde. A missão deste novo curso é promover o contínuo desenvolvimento das Ciências da Saúde por meio de:

---

Serviço Social & Saúde      Campinas      v. 5      n. 5      p. 1 – 218      Maio 2006

---

- Formação de professores e pesquisadores de excelência;
- Estímulo ao pensamento crítico e autônomo;
- Incentivo à visão multidisciplinar na abordagem de problemas da área da Saúde;
- Contribuição ativa para a projeção internacional dos grupos de pesquisa do complexo Hospital das Clínicas da FMUSP.

Não abriga a universidade múltiplas áreas de conhecimento convivendo a partir de um objetivo comum e universalizante? O ser humano não deve ser considerado na sua integralidade, em uma visão holística? Estas perguntas instigaram-nos a desenvolver o tema desta monografia, ora transformada em artigo, por considerar que a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo tem possibilitado o encontro de nativos (médicos) e estrangeiros (não-médicos), na formação docente em Saúde, visando formar uma nova mentalidade de atuação interdisciplinar.

### **DOCÊNCIA EM SAÚDE**

Temos observado no nosso país caminhos e descaminhos em relação à docência, provocados pelas políticas públicas, principalmente no que se refere à formação de professores e ao exercício da docência, após a Constituição Federal de 1988.

A formação e o exercício docente sofreram os impactos provocados não só pelas políticas da área, mas por todas as ações de governo, dentre elas a abortada reforma universitária e a privatização do ensino superior. O não-investimento na educação superior pública vinha implicando o contingenciamento de verbas, o achatamento salarial e a diminuição de docentes e funcionários.

Sobre formação e exercício docente, o prognóstico responsável para garantir para todos uma educação de boa qualidade revela a necessidade de adotar políticas que aumentem a probabilidade de assegurar formação ampla e sólida, humanista, comprometida com a emancipação da maioria excluída (neste sentido, o atual governo implantou em 2004 o ProUni, com a promessa de oferecer ao longo de 2006 mais de 130 bolsas em universidades para estudantes de baixa renda), e com formação de profissionais aptos a contribuir no questionamento de velhos conhecimentos e na produção de saberes novos para solucionar problemas que dificultam o desenvolvimento nacional. Políticas que valorizem a docência, por meio de condições de trabalho adequadas ao desenvolvimento profissional, salários dignos, planos de carreira, concursos públicos de provas e títulos sistemáticos, aperfeiçoamento contínuo. Vale dizer: cidadãos profissionais que atuem para construir um projeto inclusivo e de qualidade social para o país (MINTO, KAWASHITA, CAMARGO, 2000).

O presidente Lula anunciou recentemente que o governo investirá R\$ 600 milhões na construção de 40 novos *campi* de universidades federais, sendo seis em novas instituições. Trata-se de uma iniciativa louvável, porém é preciso levar em consideração que na educação o custo maior não é o investimento de instalação, mas a manutenção ao longo dos anos, o que não foi esclarecido (O ESTADO DE S. PAULO, 26/02/06, A2).

Rios (2001) chama a atenção para o desafio de ser professora, e de ser professora de professores, o que lhe traz a necessidade de olhar criticamente para a formação e a prática do aprendiz que é ensinante ou que pretende sê-lo. Aponta a articulação entre Filosofia e Didática, como saberes que contribuem para a construção – contínua – da competência do professor, e verifica os desafios colocados contemporaneamente à reflexão filosófica, como

esforço de compreensão, de busca de sentido da presença e atuação dos seres humanos no mundo, e à Didática, como preocupação com o ensino, com a socialização – criação e recriação – formal e sistemática do conhecimento que resulta daquela presença e atuação.

Observa-se o crescimento do mundo como universo de conhecimentos, ações e valores. Como ser professor neste mundo? Como fazer o exercício da docência? Que recursos usar para atender às demandas que se colocam? Como os saberes da docência podem auxiliar o professor na direção de uma atuação competente?

O que se dá hoje com o processo de ensino é peculiar, na medida em que temos um mundo que demanda do docente algo mais complexo do que aquilo a que ele estava habituado. A primeira demanda é a superação da fragmentação do conhecimento, da comunicação, das relações. Para isso, são necessárias uma visão de totalidade e uma articulação estreita de saberes e capacidades. Requer-se, da Filosofia de Educação, o olhar largo, abrangente, na intenção de ver o processo educativo em todos os aspectos sob os quais se apresenta e dos diversos pontos de vista em que se pode enfocá-lo.

Para isto, ela precisa contar com a contribuição que vem de todas as áreas do conhecimento, mais especialmente das Ciências da Educação. A Didática necessita cada vez mais dialogar com a diversidade dos saberes da docência que estão à sua volta, enfrentando o desafio de buscar alternativas para pensar o ensino de modo crítico e ampliado. Isso implica uma provocação à revisão de conteúdos, de métodos, de processos avaliativos, de currículo.

No fenômeno da globalização, que traz o risco da homogeneidade, abriga-se a segunda demanda: uma percepção clara das diferenças e especificidades dos saberes e



práticas, não no sentido de afastá-los uns dos outros ou isolá-los, mas de realizar um trabalho coletivo e interdisciplinar.

Refletindo sobre o sentido da interdisciplinaridade, conclui-se que não se pode ter interdisciplinaridade se não se tiver, de início, disciplinaridade. Costuma-se falar em interdisciplinaridade de uma maneira equivocada, como se fosse uma mistura de trabalhos. Na verdade, é algo muito mais complexo: existe interdisciplinaridade quando se trata verdadeiramente de um diálogo, ou de uma parceria, que se constitui exatamente na diferença, na especificidade da ação de grupos ou indivíduos que querem alcançar objetivos comuns. É preciso ter muita clareza no tipo de contribuição que cada um pode trazer, na especificidade dessa contribuição, para fazer um trabalho realmente interdisciplinar.

A ação interdisciplinar guarda um sentido de organicidade, como um corpo, cujos órgãos com sua função diferenciada realizam conjunta e harmonicamente uma tarefa, ou como corpos diferenciados que se organizam para um trabalho comum, como o que acontece na escola. Assim, para Rios (2001), estaríamos falando em um corpo docente, ou um coletivo organizado, atuante, definidor de políticas.

O segmento “Saúde” contém em si um campo de reflexão amplo por sua magnitude de inserção nas questões macro e microssociais. O conceito de saúde definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “bem-estar físico, mental e social”, coloca-o no campo de todas as realizações humanas, voltadas para a qualidade de vida digna e como um bem a ser alcançado por todas as comunidades humanas. (... definido pela VIII Conferência Nacional de Saúde como condição de vida de uma dada população, ou seja, resultado de determinações históricas estruturais e conjunturais de uma nação que envolve as condições de acesso à educação, habitação, emprego, renda, saneamento básico e lazer).

Valem para a docência em Saúde todos os apontamentos feitos para a docência de uma maneira geral, no que se refere, principalmente, à necessidade de formação generalista dos alunos, futuros profissionais da Saúde, como preparo para uma atuação interdisciplinar. “Não basta ensinar ao homem sua especialidade, porque se tornará assim uma máquina utilizável e não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é oralmente correto”, já dizia Albert Einstein.

Segundo o professor Nildo Alves Batista<sup>2</sup>, o perfil do profissional de Saúde a ser formado prevê:

- Adquirir habilidades e conhecimentos que lhe permitam identificar e definir os problemas básicos de saúde de sua sociedade; diagnosticar, tratar e encaminhar patologias mais prevalentes, orientando adequadamente o aluno.
- Integrar ciências básicas com a clínica e entender os conceitos de atenção primária relacionados com a promoção à saúde e a prevenção de doenças.
- Conhecer as peculiaridades do sistema de saúde vigente, as características do mundo do trabalho e entender o engajamento do profissional como elemento integrante de uma equipe de saúde.
- Ter flexibilidade profissional que lhe permita ser eficaz e eficiente e considerar os valores e direitos da população com que vai trabalhar.
- Aprender métodos científicos e postura ética para alcançar decisões adequadas.

---

<sup>2</sup> Conteúdo de aula da disciplina de Práticas Pedagógicas (agosto de 2002).

- Ter formação que possibilite aprender fazendo e aprender a aprender, procurando ativamente construir seu próprio conhecimento e tornando-se apto a desenvolver um processo de educação permanente com metodologias adequadas de auto-aprendizagem.

Para atingir este perfil surgem várias questões, principalmente por parte do formador, do professor que tem assumido a mediação *do e no* processo de formação em Saúde. Quais são as expectativas de um docente de curso superior em Saúde neste momento de transformações sociais em que a transição demográfica (aumento do número de idosos) convive com a transição epidemiológica (patologias recorrentes como a dengue e novas patologias como a Aids)?

A transição tecnológica está revolucionando o conhecimento, como a descoberta do genoma. Também estão mudando os modelos assistenciais com a superlotação dos hospitais. Novas políticas têm surgido, como o “Programa de Saúde de Família” (PSF), e o tratamento dos doentes em domicílio (assistência domiciliar).

Cria-se a necessidade de preparar o aluno para trabalhar com as transições, para criar competências que lhe permitam enfrentar desafios e perspectivas futuras, de modo a:

- Saber o que o professor espera que o aluno aprenda na dimensão cognitiva da competência, envolvendo o saber teórico conceitual.
- Saber buscar o equilíbrio, procurando-se uma relação articulada de todas as capacidades dos seres humanos na intervenção na realidade e na relação com seus semelhantes. (RIOS, 2001).
- Saber ampliar a idéia de conteúdos, que não se restringem apenas aos conceitos, mas englobam comportamentos e atitudes, apontando para o sentido de se afastar de uma

concepção de ensino marcada por uma valorização hipertrofiada da razão, como instrumento superior do conhecimento. Se a educação é um processo contínuo de busca de um saber ampliado e aprofundado, de um viver inteiro, é preciso que os indivíduos estejam inteiros nessa busca.

- Ao lado da razão, a imaginação, os sentimentos e os sentidos são instrumentos de atuação na realidade e criação de saberes e valores. O bom ensino será, então, estimulador do desenvolvimento desses instrumentos/capacidades (RIOS, 2001).
- Saber estar em consonância com a filosofia do nosso tempo, que é a ética, preocupando-nos com a perspectiva da realização do bem comum como finalidade da ação coletiva dos seres humanos vivendo em sociedade, do trabalho educativo. Trata-se da vivência da cidadania, como participação efetiva na construção da sociedade e gozo de todos os direitos humanos. O objetivo último do ensino, como realização de conhecimento, é a contribuição para a realização da cidadania.

Batista destaca ainda em sua aula sobre Práticas Pedagógicas os atributos necessários a um bom professor na área da Saúde, os quais parecem-nos fundamentais para que possamos nos preparar para a docência nesta área tão abrangente e eminentemente interdisciplinar:

- Ter conhecimento sólido e atualizado no seu campo de docência, estabelecendo relações entre os vários aspectos da disciplina e situações práticas ou acontecimentos reais.
- Participar ativamente da produção do conhecimento em sua área, envolvendo-se em pesquisas e referindo-se freqüentemente à literatura disponível, conectando as tendências atuais.

- Dominar as técnicas necessárias ao desempenho de suas atividades.
- Utilizar diferentes formas e procedimentos de ensino, estimulando a participação dos alunos. Expor em linguagem clara.
- Iniciar as atividades explicando seus objetivos, sua dinâmica e os mecanismos de avaliação. Relacionar a disciplina com a futura prática profissional do aluno em formação.
- Proporcionar visão holística da saúde.
- Procurar nas avaliações mecanismos que possibilitem exercício do raciocínio e organização do conteúdo ministrado, não se limitando à memorização.
- Preocupar-se com a dimensão interpessoal do relacionamento professor/ aluno.
- Utilizar a tecnologia como recurso auxiliar do profissional de saúde, evitando desenvolver nos alunos o fascínio tecnológico.
- Demonstrar que valoriza a disciplina que leciona e o profissional que pretende formar.
- Explicitar, discutir e problematizar com os alunos os determinantes curriculares.
- Desenvolver nos alunos o processo de educação permanente, aplicando metodologia de auto-aprendizagem, e orientar os alunos no processo de aprendizagem.
- Demonstrar que gosta de ensinar exercendo o papel de mediador da docência: processo de ensino-aprendizagem.
- Estimular o interesse do aluno pela pesquisa, aprendendo método de pesquisa.
- Capacitar os alunos para orientar os pacientes e familiares quanto ao diagnóstico, profilaxia e tratamento.

- Estimular os alunos à humanização do atendimento, nas atividades docentes perante o paciente.
- Enfatizar o “homem doente” e não “a doença do homem”.

Estes dois últimos atributos dizem respeito à humanização da saúde, motivação vocacional de grande parte de seus profissionais e espaço de atuação que privilegia o assistente social.

### **SERVIÇO SOCIAL EM SAÚDE**

O Serviço Social na área da Saúde, em sua trajetória institucional, volta suas ações para o bem-estar dos clientes e para a humanização do ambiente hospitalar. Qual é o papel do assistente social na docência em Saúde e que contribuição este profissional tem dado à equipe interdisciplinar na reorganização do sistema de atendimento à saúde, tão caótico, e no atendimento aos pacientes e seus familiares?

Cavalcante (1984) ressalta que a educação, não sendo algo independente da sociedade, não pode ser vista de forma autônoma e nem como uma unidade isolada, desvinculada do contexto social. Dá-se em uma sociedade determinada, que condiciona seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento. É uma atividade socialmente organizada, desejada e controlada pelas estruturas sociais, atendendo aos seus interesses. É profundamente marcada pela cultura, carregando em si os traços da sociedade em que se acha inserida, refletindo também as suas contradições.

O ensino de Serviço Social deve ser visto de forma vinculada ao sistema social. É parte desse sistema, desde que é legitimado pela sociedade que reconhece e solicita a presença do assistente social. Acha-se condicionado pelo momento histórico, refletindo

juízos e valores da sociedade, tendendo a atender a seus interesses e necessidades. Está integrado ao sistema de ensino superior, pois, como ensino profissional, destina-se a preparar profissionais com uma qualificação para desenvolver funções específicas na estrutura ocupacional. Assim, tem seus objetivos e modo de funcionamento voltados para atender às solicitações do mercado de trabalho.

De modo especial, o ensino de Serviço Social objetiva preparar profissionais específicos para uma ação na sociedade. Visa formar assistentes sociais para intervirem no contexto social. É a partir da visão que se tem da sociedade e da concepção que se tem do assistente social e de seu trabalho, que se constrói a proposta do ensino. Essa concepção é que determina o profissional que se vai formar e para onde deve orientar as suas ações. São os modos de visualizar a realidade e os objetivos que se colocam para o profissional que informam a direção que o ensino deve tomar. O ensino de Serviço Social orienta-se, sobretudo, a partir da visão que se tem das atribuições do assistente social na sociedade.

Para Cavalcante (1984), o foco principal do curso de Serviço Social é o de preparar profissionais capazes de realizar uma análise crítica e reflexiva da realidade e, ao mesmo tempo, serem capazes de intervir profissionalmente de forma comprometida e criativa. A formação assim orientada capacita o futuro profissional para compreender o processo histórico, a realidade estrutural, o contexto institucional, despertando a necessidade de busca contínua, a sede da descoberta, a criatividade e o sentimento de insatisfação que o levará à busca de alternativas para a sua ação profissional.

O Serviço Social possui também programas de pós-graduação, iniciados pela PUC-SP em fins dos anos 1960 e princípios de 1970, com o objetivo, dentre outros, de que o professor se envolva fundamentalmente em pesquisas. Esta universidade desenvolveu a  
Serviço Social & Saúde      Campinas      v. 5      n. 5      p. 1 – 218      Mai 2006

linha de pesquisa sobre a questão da assistência pública no Brasil, considerada prioritária por ser uma prática persistente no Serviço Social e também porque as condições reais de vida da população não permitem que se deixe de lado o exame da política governamental nesta área. Houve produções importantes, divulgadas em livros, como os da Profa. Dra. Aldaiza Sposati, dentre os quais destaca-se *Assistência na trajetória das Políticas Sociais Brasileiras*. Hoje a PUC-SP já desenvolve outros projetos de pesquisa.

Além desta universidade, existem outros programas de pós-graduação em Serviço Social desenvolvidos em universidades federais, nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio de Janeiro, e também em universidades católicas em todo o país.

A participação do Serviço Social na docência em Saúde dá-se nos hospitais-escola, como os hospitais de clínicas e centros de saúde-escola. O Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), maior complexo hospitalar da América Latina, é um exemplo de hospital-escola, por se constituir em centro de excelência e referência no desenvolvimento da tecnologia para a saúde, nos campos da assistência, ensino e pesquisa.

Os seus objetivos, ao longo dos anos, continuam sendo aqueles de manter-se na vanguarda do desenvolvimento científico da medicina clínica no Brasil e servir de paradigma na formação de recursos humanos para a saúde.

O Serviço Social na área da Saúde pode ser definido como o conjunto de ações sociais que busca, por meio dos princípios da profissão e das políticas sociais, garantir ao cliente o tratamento médico-hospitalar, com sua participação efetiva, em um processo de humanização e promoção humana.



Tem como missão prestar atendimento social aos clientes, incentivando-os a participarem da busca da saúde, por meio de conhecimento e alternativas de mudança das situações sociais que interferem no processo saúde-doença.

Reconhecer que a saúde ou a doença resultam de um processo multifatorial, dentre eles o social, e que pode influenciar os resultados das ações terapêuticas, fez com que o Serviço Social integrasse o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP desde a sua fundação, conforme o decreto-lei nº. 13.635, de 27/10/1943, tendo caráter pioneiro como Serviço Social Hospitalar. Enquanto prática institucional, presta assistência, articula formas de ação social junto ao cliente, família, instituição e comunidade, e responde às demandas organizacionais. Realiza educação em saúde, multiplica informações e processos e desenvolve atividades de ensino e pesquisa. Dentre estas últimas, vale ressaltar que o Serviço Social do Hospital das Clínicas da FMUSP foi também pioneiro como campo de estágio para alunos de Serviço Social da PUC e de outras Faculdades, assim como para assistentes sociais de outras instituições de saúde e mesmo para outros profissionais da equipe, interessados em conhecer a organização e funcionamento deste serviço, com vistas à implantação ou mesmo reformulação do mesmo em outros hospitais da rede pública ou privada.

Como campo de ensino, o Serviço Social insere-se na política institucional, como centro universitário reconhecido regional, nacional e internacionalmente, propiciando estágio para graduandos e pós-graduandos, *lato sensu e stricto sensu*, de especialidades médicas, não-médicas e de cursos técnicos da área da Saúde. Acresce-se a criação, há dezoito anos, do curso de Especialização em Serviço Social Hospitalar, reconhecido pelo MEC, o qual tem formado assistentes sociais especialistas plenamente absorvidos pelo

mercado. Tem como principal objetivo complementar a formação universitária nos aspectos da prática profissional e proporcionar uma visão crítica e abrangente do Sistema Único de Saúde.

Na produção do conhecimento, o Serviço Social tem contribuído para o desenvolvimento científico de sua área específica e das demais áreas da saúde. Ressalta-se a criação da **Revista Serviço Social Hospitalar (São Paulo)**, em 1994, que já está na sua sétima edição e que tem como objetivo principal ser um veículo de divulgação da produção científica dos assistentes sociais do Hospital das Clínicas da FMUSP, realizada individualmente ou em equipe interdisciplinar, fruto do trabalho desenvolvido junto aos usuários. Além da revista, é grande o acervo de trabalhos publicados pelos assistentes sociais deste hospital em outras revistas da categoria, em capítulos de livros médicos, em congressos e demais eventos científicos da equipe de saúde. É também significativo o número de monografias dos aprimorandos, bem como das dissertações e teses publicadas.

Destacam-se duas pesquisas realizadas pelo Serviço Social do complexo do Hospital das Clínicas da FMUSP, em 1988 e 1993, com o objetivo de delinear o perfil demográfico e socioeconômico do cliente usuário da Instituição, as quais subsidiaram a alta administração na definição de políticas internas. Está em planejamento a realização de uma terceira pesquisa com o mesmo tema, com financiamento da FAPESP, objetivando fornecer dados demográficos e socioeconômicos do cliente que demanda o complexo HC-FMUSP para o banco de dados do Centro de Estudos Demográfico e Socioeconômico dos usuários do Sistema de Saúde do Estado de São Paulo. Pretende também desenvolver formulários e planilhas que gerem informações básicas demográficas e das condições socioeconômicas da clientela usuária da instituição, disponibilizar formulários e planilhas às instituições

parceiras e de apoio e subsidiar os gestores e profissionais do HC-FMUSP na definição de políticas administrativas e de estratégias assistenciais, de ensino e pesquisa nos diversos níveis.

O Serviço Social do HC-FMUSP vem também se destacando na organização de eventos científicos da categoria, tendo promovido dois Congressos Nacionais de Serviço Social em Saúde (CONASSS), em 2002 e 2005, e cinco Simpósios de Serviço Social em Saúde (SIMPSSS), em conjunto com o Serviço Social das Entidades de Saúde da USP, UNESP e UNICAMP. Estes eventos reuniram no Centro de Convenções Rebouças uma média de 700 assistentes sociais de 21 estados da federação, com grande repercussão científica para a categoria dos assistentes sociais e para as três universidades públicas paulistas que apoiaram os eventos.

Schraber (1989) refere que "... a prática hospitalar é incorporada à educação porque significa a forma didática por excelência da aquisição da técnica". No entanto, segundo a mesma autora, "a qualificação profissional não se dará no conjunto das práticas hospitalares, mas em uma prática hospitalar necessariamente organizada de modo específico. Tal exigência se deve à própria valorização do trabalho intelectual, exatamente porque separado e oposto do trabalho manual, fazendo com que a única qualificação do trabalhador socialmente valorizada seja a que se realiza na forma de uma educação separada da produção em geral. Por isso a educação é rearticulada no modo de produção capitalista, através da constituição de um processo educativo, não só como corpo separado da produção, mas, enquanto tal, como a única forma reconhecida de qualificação no conjunto da sociedade".

Assim sendo, ao mesmo tempo em que se vai definindo a prática hospitalar como a mais adequada para a docência em Saúde, constitui-se, no interior do conjunto das práticas hospitalares, uma prática específica, de modo a propiciar ao assistente social a possibilidade de entender e decifrar as lógicas do capitalismo contemporâneo, com as mudanças no mundo do trabalho e nas políticas sociais, além de ter conhecimentos específicos de sua área de trabalho. Vai desvelar os processos que estamos vivendo na área da Saúde, sem abrir mão do processo geral da sociedade, das ações subjetivas e culturais.

As teorias sociais são complexas, mas fornecem direção para o Serviço Social no desenvolvimento do projeto ético-político da profissão, no qual a defesa de valores éticos, de compromisso com a população, de cidadania e de responsabilidade social norteiam a prática concreta.

### CONCLUSÕES

Desde o seu início, a aventura humana se encaminhou para o progresso do saber e uma invasão incansável do que não se sabe por aquilo que se sabe. A palavra decisiva nesta aventura é *ainda*. O que hoje ainda não se sabe, se saberá amanhã.

A questão é por excelência interdisciplinar e transdisciplinar: da Aids à astrofísica, da pré-história à arqueologia ou à economia política, o processo está em curso em todos os setores do saber. Na verdade, estamos vivendo na ERA DO CONHECIMENTO.

Sabe-se que, a cada dois séculos, aproximadamente, o mundo passa por transformações profundas e assim tem sido desde o Renascimento até hoje. O atual momento é o de mais uma transformação drástica, em que os valores e a cultura são removidos, para dar lugar a outros, absolutamente novos e ainda desconhecidos em grande parte.

Na sociedade em que vivemos, o conhecimento transformou-se no principal fator de produção. A riqueza virá do conhecimento e a educação é o principal instrumento para sua distribuição. As oportunidades serão daqueles que souberem usar o conhecimento e, a partir dele, encontrar uma nova forma de atuação e relação com a sociedade. De modo geral, a importância decisiva da educação para uma justa “distribuição” desse “bem” tem sido reconhecida, e as universidades, como centros de criação de conhecimento, desempenham nesse cenário um papel de destaque.

Segundo Machado (2001), a importância da universidade dá-se na formação profissional e na geração de tecnologias, e é na construção coletiva de uma arquitetura de valores em sentido amplo que a função da universidade se revela fundamental e insubstituível.

Uma “inteligência”, mesmo que possa ser caracterizada como “científica”, não pode carecer de uma arquitetura de valores, cultivados tacitamente na prática acadêmica e que compõem um espectro muito mais amplo do que o dos valores econômicos ou empresariais. Nesse sentido, a docência em Saúde nos remete às dimensões espiritual e humana traduzidas na Bioética, que tem de ser um permanente diálogo entre contradições humanas e exigências de verdade e de justiça, procurando o melhor para a Humanidade.

Os princípios que vão nortear a ação do professor desencadeiam as perguntas: O que ensinar? Como ensinar? Para quem ensinar? – as quais não estão desvinculadas de outras como: Por que ensinar?

Se o que se pretende, como finalidade, é formar a cidadania, as respostas serão orientadas por ela. O objetivo do ensino é desenvolver no aluno uma inteligência crítica, estimular a criatividade e o compromisso social.

Os elementos para a construção de uma prática educativa na área da Saúde apontam para a importância da relação entre as áreas do conhecimento e a interdisciplinaridade, como condições básicas para a compreensão da vida em toda a sua complexidade.

O Serviço Social vem agregar ao conjunto de profissões dessa área um profissional capacitado para lidar com a experiência humana e com a diversidade das situações e contextos que precisam ser desvelados. É uma profissão interventiva que trabalha na ponta da realidade social com a população, em ações socioeducativas.

A prática docente é orientada pelo horizonte que dá significado a esta prática. A direção que vamos dar à docência em Saúde e que vai preparar os futuros profissionais da equipe para uma prática comprometida com a cidadania da nossa população é a que pode tornar realidade o encontro de nativos e estrangeiros rumo à interdisciplinaridade.

#### **ABSTRACT**

This article is related to the monograph we presented at the Pedagogic Teaching Discipline of the Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP), in the 2002 year, as credit of the Science postgraduate Course. It deals with reflections about the university role, and especially at the FMUSP, which has been allowed to promote the meeting between natives (doctors) and foreign (non-doctors) towards the interdisciplinary. We were interested also in the healthy teaching Social Work role. This professional arrived at the postgraduated *stricto sensu* Science course, Physiopathology concentrated area, in 1999, when we had the privilege in being pioneer on it.

**KEYWORDS:** Healthy teaching, interdisciplinarity, university, social worker.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 5ª ed. Campinas, S.P., Papirus, 2000. p.53-7.
- CAVALCANTE, T.L.V. Reflexões sobre o ensino e sua repercussão no Serviço Social. **SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE** – Vol. V – Nº 15 – Cortez Editora, 1984, p. 44-66.
- FREIRE, P. **La educación como practica de la libertad**. Argentina, Siglo Veintiuno, Argentina Editores S. A, 1970. p. 12-23.
- LEMBO, C. O futuro da universidade. **Revista Adusp**, Nº. 19, 2000, p. 16-20.
- MACHADO, N. J. **A universidade e a organização do conhecimento: a rede, o tácito, a dádiva**. São Paulo, Estudos Avançados 15 (42), 2001. p. 333 – 52.
- MINTO, C. A; KAWASHITA, N.; CAMARGO, R. B. Caminhos e descaminhos da docência. **Revista Adusp**, Nº 19, 2000, p. 54-61.
- Revista VEJA. Edição Especial. **Qualidade é o próximo passo**. Nº 9, 2002, p.54-5.
- RIOS, T.A. **Compreender e ensinar por uma docência de melhor qualidade**. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2001. p. 56-62.
- SCHRAIDER, L. **Educação Médica e Capitalismo**. São Paulo – Rio de Janeiro, Hucitec – Abrasco, 1989. p. 98-127.
- JORNAL ESTADO SÃO PAULO. **Melhores índices sociais**. 14 de setembro 2002. p. A3
- JORNAL SÃO PAULO. **Mais federais e docentes, menos alunos**. 26 de fevereiro de 2006, p. A2.
- SPOSATI, A. O, BONETTI, D. A, YASBEK, M. C., FALCÃO, M.C.B.F. **Assistência na trajetória das Políticas Sociais Brasileiras: uma questão em análise**. São Paulo, Cortez, 1985.

